

DESAFIO DE IDEIAS COMO FERRAMENTA PARA DIAGNÓSTICO E INCUBAÇÃO TERRITORIAL

IDEA CHALLENGE AS A TOOL FOR TERRITORIAL DIAGNOSIS AND INCUBATION

Rodrigo de Melo Lucena¹; Tamisa Ramos Vicente²; Geraldo Luíz Valle dos Santos³

¹Instituto Federal de Alagoas – IFAL. Autor correspondente: rodrigo.lucena@ifal.edu.br; ^{2,3}Instituto Federal de Alagoas – IFAL

RESUMO: Durante o ano de 2025, o Núcleo Marechal da Incubadora de Economia Solidária do IFAL, se aproximou da comunidade Riacho Velho em Marechal Deodoro, distante do circuito turístico, porém, com enorme potencial agrícola, gastronômico, cultural, e de Turismo de Base Comunitária, sobretudo pelas riquezas de sua fauna e flora. Essa aproximação se deu por meio da execução do Desafio de Ideias Teia Tech, ação extensionista inovadora que teve como propósito, a mobilização dos/as estudantes e egressos na proposição de soluções tecnológicas e inovadoras para a integração do Riacho Velho ao desenvolvimento do Município, com base no seguinte problema a ser resolvido: “A baixa visibilidade do potencial do território do Riacho Velho para o desenvolvimento socioeconômico do Município de Marechal Deodoro”. O Desafio de Ideias foi executado de forma coletiva, utilizando a metodologia de design Thinking, buscando o envolvimento direto da comunidade, prefeitura e câmara de vereadores em todas as suas fases, sendo necessário que as soluções respondessem à seguinte pergunta desafio: “Como podemos aproveitar o potencial do Riacho Velho para impulsionar o desenvolvimento socioeconômico da região, propondo ações tecnológicas, inovadoras, sustentáveis e de base local?”. O resultado da ação, também foi importante como estratégia de promoção de diagnóstico de demandas oriundas do território que puderam ser assumidas pela incubadora, abrindo possibilidade deste núcleo da IFAL Ecosol iniciar um processo de incubação territorial. Ressaltamos que tínhamos quatro projetos sendo desenvolvidos, mas após a banca de validação das ideias, um deles não teve continuidade por desistência da equipe responsável, restando três soluções que avançaram até a apresentação final, sendo aprovados por banca constituída de membros/as dos órgãos públicos e comunidade, e estão em processo de implantação.

Palavras-chave: Economia solidária. Desenvolvimento territorial. Extensão Inovadora.

ABSTRACT: During 2025, the Marechal Nucleus of the IFAL Solidarity Economy Incubator approached the Riacho Velho community in Marechal Deodoro, a community far from the tourist circuit, but with enormous agricultural, gastronomic, cultural, and community-based tourism potential, especially due to the richness of its fauna and flora. This approach was achieved through the execution of the Teia Tech Ideas Challenge, an innovative extension activity that aimed to mobilize students and alumni in proposing technological and innovative solutions for the integration of Riacho Velho into the development of the Municipality, based on the following problem to be solved: "The low visibility of the potential of the Riacho Velho territory for the socioeconomic development of the Municipality of Marechal Deodoro". The Ideas Challenge was executed collectively, using the Design Thinking methodology, seeking the direct involvement of the community, the city hall, and the city council in all its phases. The solutions had to answer the following challenge question: "How can we leverage the potential of Riacho Velho to boost the socioeconomic development of the region, proposing technological, innovative, sustainable, and locally based actions?" The result of the action was also important as a strategy for diagnosing demands from the territory that could be addressed by the incubator, opening the possibility for this IFAL Ecosol center to initiate a territorial incubation process. We emphasize that we had four projects under development, but after the idea validation panel, one of them did not continue due to the withdrawal of the responsible team. Three solutions remained, which advanced to the final presentation and were approved by a panel composed of members from public bodies and the community, and are currently in the implementation process.

Keywords: Solidarity economy. Territorial development. Innovative Extension.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento territorial sustentável tem sido compreendido como um processo que exige a articulação entre conhecimento técnico, saberes locais e participação social, sobretudo em territórios historicamente invisibilizados. Nesse contexto, a ação extensionista inovadora assume papel estratégico ao promover a interação dialógica entre o Ifal/Campus Marechal Deodoro e comunidades, contribuindo para a construção coletiva de soluções voltadas às demandas sociais e ao fortalecimento do desenvolvimento local.

É nesse cenário que o Núcleo de Economia Solidária (ECOSOL) do Instituto Federal de Alagoas (IFAL), Campus Marechal Deodoro, se insere como agente articulador, ao estabelecer uma aproximação contínua com a comunidade do Riacho Velho, Marechal Deodoro, Alagoas. Tal atuação busca fomentar processos participativos que valorizem os saberes e as potencialidades locais, ao mesmo tempo em que promovem a formação crítica e aplicada de estudantes e egressos/as.

A comunidade Riacho Velho, caracteriza-se como um território de base rural, com presença significativa de pescadores/as e artesãos/as, conforme dados do Censo (2022). Apesar de seu expressivo potencial agrícola, gastronômico, cultural e ambiental — com destaque para as possibilidades de desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária —, a comunidade enfrenta desafios relacionados à baixa visibilidade e à limitada inserção nas dinâmicas de desenvolvimento socioeconômico do município. Essa condição evidencia a necessidade de iniciativas que promovam o reconhecimento e a valorização do território por meio de abordagens participativas, sustentáveis e territorialmente contextualizadas.

Diante dessa problemática, ao longo de 2025, o projeto Desafio de Ideias Teia Tech, uma ação extensionista que integra ensino, pesquisa e inovação, orientada pelos princípios da economia solidária, da inovação social e da educação contextualizada, foi concebido na perspectiva da transformação social, estimulando o protagonismo dos/as sujeitos/as envolvidos/as e a construção coletiva de soluções inovadoras.

Do ponto de vista teórico, a experiência dialoga com a concepção de desenvolvimento defendida por Sachs (2008), que enfatiza a sustentabilidade em suas múltiplas dimensões, e com os fundamentos da economia solidária apresentados por Singer (2002), que valorizam a autogestão, a cooperação e o protagonismo social.

Além disso, a proposta incorpora metodologias participativas, com destaque para o design thinking, compreendido não apenas como uma abordagem de inovação, mas como um processo estruturado e centrado nas pessoas, que favorece a escuta ativa, a empatia e a cocriação. Nesse contexto, o design thinking é utilizado como ferramenta estratégica de mobilização social, ao envolver diferentes sujeitos/as — estudantes, comunidade e poder público — na construção coletiva de respostas a problemas reais de um território.

Sua aplicação permite, ainda, a realização de um diagnóstico territorial mais sensível e aprofundado, na medida em que parte da compreensão das experiências, necessidades e potencialidades locais. Por meio de etapas como imersão, definição de problemas, ideação, prototipagem e testes (validações), a metodologia contribui para transformar percepções e demandas em propostas concretas, inovadoras e contextualizadas.

O projeto Desafio Teia Tech teve como problema central a baixa visibilidade do potencial do território do Riacho Velho para o desenvolvimento socioeconômico do município de Marechal Deodoro. A partir disso, buscou mobilizar estudantes e egressos/as do IFAL, em diálogo com a comunidade local e com o poder público, para refletir, identificar e idealizar soluções inovadoras, estimular a criatividade, a iniciativa e a capacidade de resolução de problemas para ampliar a visibilidade da comunidade, realizar uma análise sistêmica do território e contribuir para a formação profissional dos/as estudantes, integrando diferentes cursos ofertados no Campus Marechal Deodoro, áreas do conhecimento e sujeitos/as em uma prática interdisciplinar. As ações foram orientadas pela seguinte questão norteadora: como aproveitar o potencial do Riacho Velho por meio de iniciativas tecnológicas, inovadoras, sustentáveis e de base local?

A relevância da experiência manifesta-se em diferentes dimensões. No âmbito social, contribui para o fortalecimento comunitário e a valorização do território; no campo educacional, promove a formação crítica, prática e interdisciplinar dos/as estudantes; do ponto de vista institucional, evidencia o uso de metodologias participativas como instrumento de diagnóstico territorial e de incubação de grupos produtivos e/ou do próprio território pelo Núcleo Marechal Deodoro da incubadora de economia solidária do IFAL, a IFAL Ecosol.

Dessa forma, este relato de experiência tem como objetivo descrever a experiência de implementação do Desafio de Ideias Teia Tech, destacando seus

processos, aprendizados e contribuições como estratégia de diagnóstico territorial e de iniciação à incubação territorial, evidenciando seus impactos na relação entre instituição, comunidade e poder público.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Desenvolvimento territorial, inovação social e extensão universitária

O desenvolvimento territorial compreende um processo de transformação social, econômica, cultural e ambiental construído a partir das potencialidades, identidades e capacidades presentes em um determinado território. Diferentemente das concepções tradicionais de desenvolvimento centradas exclusivamente no crescimento econômico, essa perspectiva reconhece o território como um espaço socialmente produzido, constituído por relações de poder, saberes, práticas culturais e recursos locais (Santos, 2006). Nesse sentido, o desenvolvimento territorial pressupõe a mobilização dos atores locais na construção de estratégias coletivas capazes de promover melhoria da qualidade de vida, inclusão social e sustentabilidade.

Para Sachs (2008), o desenvolvimento sustentável deve ser entendido de forma multidimensional, articulando simultaneamente as dimensões social, econômica, ecológica, cultural e política. Essa compreensão amplia a noção de desenvolvimento para além dos indicadores de renda, incorporando aspectos relacionados à participação social, à valorização das identidades locais e à preservação dos recursos naturais. De forma complementar, Boisier (2005) destaca que o desenvolvimento territorial emerge da capacidade dos atores locais de construir projetos compartilhados e fortalecer mecanismos de governança capazes de mobilizar recursos endógenos e promover processos autônomos de transformação.

Nesse contexto, a inovação social surge como um instrumento estratégico para enfrentar desafios complexos que afetam comunidades e territórios. Diferentemente da inovação convencional, voltada predominantemente à geração de valor econômico, a inovação social busca criar soluções que respondam a necessidades coletivas e ampliem as capacidades de ação dos sujeitos envolvidos. Conforme Dagnino (2014), essa perspectiva exige a construção de tecnologias socialmente adequadas, desenvolvidas em diálogo com os contextos locais e orientadas para a inclusão social,

a participação comunitária e a democratização do conhecimento. A inovação social, portanto, não se resume à criação de novos produtos ou serviços, mas envolve a transformação das relações sociais e das formas de organização coletiva.

A Economia Solidária oferece o fundamento ético para esse processo ao propor formas associativas de produção e gestão baseadas na cooperação, na autogestão e na solidariedade (Singer, 2002). Sob essa perspectiva, o desenvolvimento territorial não é concebido como resultado da atuação de agentes externos, mas como um processo construído pelos próprios sujeitos do território, fortalecendo redes locais de produção, circulação de conhecimentos e geração de renda. Assim, a inovação social torna-se um mecanismo de fortalecimento da autonomia comunitária e da capacidade de organização dos atores locais.

A extensão universitária ocupa posição central nessa dinâmica ao atuar como mediadora entre o conhecimento acadêmico e os saberes produzidos nas comunidades. Conforme definido pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (FORPROEX, 2012), a extensão constitui um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove uma interação transformadora entre universidade e sociedade. Nessa perspectiva, a produção do conhecimento ocorre por meio da troca de experiências e da construção compartilhada de soluções para problemas concretos dos territórios.

Essa compreensão aproxima-se da proposta de ecologia de saberes desenvolvida por Santos (2019), segundo a qual diferentes formas de conhecimento podem coexistir e dialogar de maneira horizontal, sem que o saber científico seja considerado superior aos saberes populares, tradicionais ou comunitários. A extensão universitária torna-se, assim, um espaço privilegiado para a promoção da inovação social, ao possibilitar a articulação entre diferentes conhecimentos, metodologias e experiências em torno de objetivos comuns de desenvolvimento territorial.

Desse modo, desenvolvimento territorial, inovação social e extensão universitária constituem dimensões interdependentes de um mesmo processo. Enquanto o desenvolvimento territorial oferece o horizonte de transformação sustentável e inclusiva, a inovação social fornece os mecanismos para a construção de soluções coletivas e contextualizadas, e a extensão universitária atua como ponte metodológica capaz de articular conhecimento científico, participação social e fortalecimento das capacidades locais. Essa articulação fundamenta iniciativas voltadas à incubação territorial, ao Turismo de Base Comunitária e às metodologias

participativas de inovação, que buscam promover transformações duradouras e enraizadas nas realidades locais.

Incubação territorial: desenvolvimento integrado de redes locais

Para que os resultados de uma ação extensionista não se encerrem ao término do projeto, faz-se necessário um processo contínuo de suporte e articulação, denominado incubação territorial. Diferentemente da incubação tecnológica tradicional, que foca na estruturação jurídica e financeira de um empreendimento ou cooperativa isolada, a incubação territorial assume o território em sua multidimensionalidade como objeto de intervenção (Leal, 2018).

De acordo com Leal (2018), a incubação territorial caracteriza-se pela mobilização de diferentes iniciativas de caráter organizacional, produtivo, ambiental e cultural, possibilitando reorganizar os fluxos de trabalho e renda no espaço habitado. Essa perspectiva ganha contornos práticos quando a incubação universitária passa a atuar não apenas no fomento a uma unidade produtiva isolada, mas na articulação e fortalecimento de redes socioterritoriais integradas por múltiplos atores locais (França Filho; Silva; Rigo, 2015).

Dessa forma, as incubadoras baseadas nas instituições de ensino assumem o papel de agentes catalisadores do desenvolvimento local. Elas promovem a mediação e fornecem o suporte metodológico necessário para que os arranjos produtivos construídos coletivamente alcancem autonomia, convertendo o conhecimento gerado na extensão em impacto sustentável na governança do território (Corrêa; Pinto; Silva, 2020).

Turismo de Base Comunitária (TBC): campo de prática e protagonismo

O Turismo de Base Comunitária (TBC) configura-se como um campo em que sustentabilidade, protagonismo local e valorização dos saberes tradicionais se materializam de forma concreta. Inseridos na perspectiva do desenvolvimento territorial sustentável, o TBC exige que a incorporação do Design Thinking ocorra com sensibilidade às idiossincrasias do território. Evita-se, com isso, a reprodução de modelos padronizados do turismo de massa e a consequente pasteurização cultural

e fragilização das dinâmicas comunitárias tradicionais (Bartholo; Sansolo; Bursztyn, 2009).

Como modelo alternativo, o TBC é compreendido como instrumento para o fortalecimento do desenvolvimento local, centrado na autogestão, na valorização cultural e na melhoria da qualidade de vida das populações tradicionais (Júnior et al., 2025, p. 52). Ele se consolida como uma prática que valoriza o patrimônio ambiental e cultural, promove o bem-estar da comunidade receptora e possibilita uma troca intercultural autêntica. Nesse ecossistema, os moradores deixam de ser meros figurantes ou mão de obra barata para assumirem o papel de planejadores, gestores e principais beneficiários da atividade turística (Maldonado, 2009).

Nesse contexto, a economia solidária emerge como dimensão intrinsecamente articulada ao TBC, ao fomentar a organização coletiva, a autogestão e a geração de renda. Configura-se, portanto, como uma estratégia de desenvolvimento que fortalece vínculos comunitários e amplia as possibilidades de transformação social no território, garantindo que os excedentes financeiros gerados pela atividade sejam reinvestidos no bem-estar coletivo.

Economia solidária como base ética e filosófica

Atualmente, pensar no desenvolvimento sustentável implica superar modelos verticalizados e centralizados de decisão. Em seu lugar, ganha força uma abordagem que valoriza a articulação entre diferentes formas de conhecimento e a participação dos sujeitos do território. Nesse contexto, destaca-se a integração entre o conhecimento técnico-científico e o compromisso social da extensão universitária, aliados a abordagens mais criativas, ágeis e orientadas à prática, como as metodologias de Design. Essa combinação favorece a construção de soluções mais contextualizadas, participativas e alinhadas às necessidades reais das comunidades.

A Economia Solidária provê o alicerce moral para qualquer projeto de inovação social, estruturando-se nos pilares inegociáveis da autogestão e da cooperação. Ao contrário da lógica de mercado convencional, o trabalho e o ser humano sobrepõem-se ao capital nessa perspectiva. Trata-se de um modo de produção e distribuição cujos princípios fundamentais assentam-se na propriedade coletiva ou associada do capital e no direito à liberdade individual (Singer, 2002). Sob essa ótica, a chave da

transformação social reside na associação entre iguais em vez do contrato desigual de trabalho (Singer, 2002).

Quando transposta para o campo do desenvolvimento tecnológico, essa base ética converge diretamente para o conceito de Adequação Sociotécnica (Dagnino, 2014). Ao invés de importar soluções prontas e exógenas, a tecnologia social pressupõe a reconfiguração de saberes e ferramentas para que estes se adaptem às demandas físicas, econômicas e culturais de um território específico (Dagnino; Novaes; Fraga, 2020). Assim, a inovação social deixa de ser um produto de mercado e passa a ser compreendida como um processo de emancipação e fortalecimento comunitário.

Essa perspectiva ética encontra ressonância direta no propósito do design que, conforme Vianna et al. (2012, p. 13), possui como objetivo máximo "promover bem-estar na vida das pessoas". Sob a ótica de um/a gestor/a de inovação social, o design deixa de ser uma busca por estética para tornar-se uma busca por significado. Então, deve ser capaz de mapear a cultura e os contextos para identificar barreiras que impedem a plenitude da experiência humana, garantindo que as soluções geradas atendam a "necessidades humanas não atendidas" (Vianna et al., 2012, p. 12).

Design thinking e o "fuzzy front end" social

O Design Thinking (DT) é a abordagem que viabiliza a tangibilização dos ideais de extensão e inovação social. Ele é definido como uma "abordagem focada no ser humano que vê na multidisciplinaridade, colaboração e tangibilização de pensamentos e processos o caminho para soluções assertivas" (Vianna *et al.*, 2012, p. 12). O Design Thinking funciona como uma ferramenta operacional da interação dialógica, permitindo que a ecologia de saberes ocorra na prática ao ouvir as necessidades reais da comunidade para projetar soluções coletivas.

A integração entre Extensão, Economia Solidária, Incubação Territorial e Design Thinking materializa-se no chamado *Fuzzy Front End* — o período inicial, não linear e emaranhado, marcado por interações e aprendizados constantes (Vianna *et al.*, 2012, p. 13). Nesse caos criativo, o erro não é um fracasso, mas um gerador de novos caminhos. A versatilidade do processo permite que a academia respeite o tempo da comunidade (diacronia), adaptando ferramentas conforme a natureza do problema (Vianna *et al.*, 2012, p. 18).

A síntese desta prática integrada baseia-se em quatro pilares estruturantes:

- Base Ética (Economia Solidária e Adequação Sociotécnica): Compromisso inarredável com a autogestão e o bem-estar coletivo.
- Campo de Prática (TBC): Território de aplicação focado na autenticidade, na governança comunitária e no protagonismo local.
- Ponte Metodológica (Extensão e Incubação Territorial): Garantia da dialogicidade e da ecologia de saberes e da sustentabilidade das redes produtivas no pós-projeto.
- Ferramenta de Inovação (Design Thinking): Estrutura prática para tangibilizar o pensamento abduutivo, a empatia e a cocriação.

METODOLOGIA

O percurso metodológico do Desafio Teia Tech foi sistematizado em três momentos. Primeiro, a concepção e articulação do desafio com os/as parceiros/as. O segundo, sua execução junto à comunidade com a construção das soluções. E o terceiro, a mobilização das lideranças locais e agentes públicos/as para implantação das soluções.

Durante os meses de março e abril de 2025, o primeiro momento foi executado, seguindo as seguintes etapas: construção do projeto; articulações com lideranças da comunidade Riacho Velho; articulações com prefeitura e câmara dos vereadores/as de Marechal; e seleção e organização das equipes nas quais os/as estudantes iriam atuar.

Vale ressaltar que as articulações com a comunidade e a organização dos/as estudantes, demandaram uma atenção especial dos/as docentes responsáveis pelo Desafio, pois, conhecer as lideranças, buscando diálogo em inúmeras reuniões, foi imprescindível para conquistar a confiança, garantir a exequibilidade do projeto, e refinar a metodologia, assim como a preocupação em alocar os/as estudantes em equipes, se justificou pela necessidade em garantir grupos balanceados, com representantes de todos os cursos.

O segundo momento foi realizado logo em sequência, entre os meses de maio à outubro, planejado para acontecer em seis etapas, referenciadas nos princípios do Design Thinking e economia solidária, logo abaixo elencadas:

1. Reconhecimento do Riacho Velho (diagnóstico);

2. Construção das ideias;
3. Prototipação das soluções;
4. Avaliação parcial;
5. Validação das soluções;
6. Apresentação e avaliação final.

O propósito do terceiro e último momento, foi iniciar uma aproximação entre o Núcleo Marechal da Incubadora de economia solidária do IFAL com a comunidade e/ou grupos produtivos do Riacho Velho, por meio do processo de incubação destes grupos e/ou do territorial, ao passo que as soluções propostas seriam em sua totalidade ou parcialmente, implementadas.

A possibilidade de incubar a comunidade, ou algum empreendimento, representa a consolidação do sucesso do desafio, uma vez que os projetos propostos pelo/as estudantes em conjunto com as lideranças locais, poderão ser implementados na comunidade, com vistas à desenvolver, em consonância à perspectiva de Leal (2018, p. 78), um “conjunto de práticas associativas de trabalhadores/as voltadas a novas oportunidades de geração de renda e desenvolvimento local”.

Para a primeira etapa, de reconhecimento (diagnóstico), foram planejadas três visitas técnicas à comunidade durante os sábados, com o propósito de possibilitar aos/às estudantes condições de identificarem dados e informações acerca dos aspectos culturais, ambientais, econômicos, gastronômicos, sociais e educacionais, por meio de diálogos com lideranças e moradores/as, assim como, observar e vivenciar o cotidiano deles/delas, ao circular pelas ruas, acessar seus empreendimentos, e conhecer algumas propriedades residenciais, priorizando metodologias participativas, que integram os saberes, as percepções e as necessidades dos moradores.

Nesse sentido, a primeira visita técnica teve como objetivo reunir lideranças de diversos setores, do pescador/a ao/a professor/a da rede municipal, envolvendo criadores/as de abelhas, pilotos/as de embarcação e integrantes da filarmônica local. E durante uma manhã inteira, esse contato inicial possibilitou aos/às estudantes e egressos/as, por meio de rodas de conversa nas dependências da Escola Municipal da comunidade, uma primeira rodada de levantamento de dados importante para pensarem as ideias.

Já na segunda visita, utilizando-se de mapeamento participativo, os/as estudantes e egressos/as puderam participar de uma trilha, conduzida por um jovem

da região, conhecendo a fauna e flora do território, potenciais pontos turísticos, como nascentes, casa de farinha, e propriedades antigas repletas de histórias sobre os antigos moradores/as da comunidade, a exemplo da mãe do general Marechal Deodoro.

Após o momento do diagnóstico, durante dois sábados consecutivos, nas dependências do campus, deu-se início à construção das ideias, ou seja, cada equipe, de posse dos dados, informações e percepções sobre a comunidade, iniciaram o processo de identificação e modelagem das ideias. Nesta fase, todos/as foram levados/as a pensar no que faltava e/ou poderia ser melhorado, para aproveitar o potencial do Riacho Velho, visando o desenvolvimento socioeconômico da cidade de Marechal Deodoro, propondo tecnologias e inovações sustentáveis de base local.

Entendendo que para esse momento, o engajamento é fator primordial, foi utilizada a metodologia *Lego Serious Play*, baseada na utilização de blocos de montar Lego, que possui como propósito, o desbloqueio de todo o potencial por meio de um efetivo engajamento dos/as participantes de uma atividade em grupo, sobretudo quando se trata da criação de novas ideias, produtos e/ou serviços, de modo a quebrar o padrão convencional de pensamento e possibilitar *insights* novos e surpreendentes (Kristiansen, Rasmussen, 2015).

Figura 1 - Ideias criadas com as peças Lego



Fonte: Os/As autores/a (2026).

A utilização dos blocos de Lego, seguindo a metodologia *Serious Play*, contribui diretamente para “construção de histórias sobre um mundo intangível” (Kristiansen, Rasmussen, 2015, p 31), ou seja, os/as estudantes e egressos/as foram orientados/as a materializar todas as ideias com os blocos, e na sequência compartilhar para

todos/as a história relacionada às suas ideias, mantendo-se receptivos às observações e sugestões dos/as participantes das demais equipes, sobretudo os/as docentes mediadores/as e convidados/as da comunidade.

Durante todo esse momento, os/as estudantes tiveram o apoio de duas lideranças da comunidade que participaram ativamente da modelagem das melhores soluções, com a definição e detalhamento de suas funcionalidades e estruturas.

Todo esse detalhamento foi importante para a construção do protótipo, etapa seguinte da metodologia, que aconteceu em dois encontros nos laboratórios do campus, e foi conduzido em parceria com a Nitech Digital, empresa de desenvolvimento de soluções tecnológicas.

As ideias, com suas especificações e estruturas, foram transformadas em solução, ou seja, produtos e/ou serviços, fazendo uso dos softwares de apoio: Figma, Draw-io e Canva, e em seguida, submetidas a uma avaliação parcial, formada por uma banca constituída por docentes do campus, um representante da comunidade, da prefeitura de Marechal e da Nitech. A banca avaliou as propostas conforme critérios definidos para a avaliação final do projeto, abordando possibilidades de melhorias e aperfeiçoamento dos protótipos. Tais critérios com suas descrições e pontuações estão listados na tabela 1 logo abaixo.

Tabela 1 - Critérios para avaliação nas bancas parcial e final

Item	Critérios das soluções	Descrição do critério
1	Tempo de apresentação. (Até 1 ponto)	Cumprir o tempo de apresentação.
2	Grau de inovação da solução. (Até 3 pontos)	Capacidade de oferecer uma solução nova e diferenciada para a comunidade do Riacho Velho.
3	Relevância da solução. (Até 3 pontos)	Maneira pela qual a execução da solução oferece melhoria para a comunidade - relevância social e econômica.
4	Estrutura e funcionalidades da solução. (Até 3 pontos)	Características físicas e operacionais/funcionais da solução.

Fonte: Regulamento do Desafio Teia Tech (2026).

Após a avaliação parcial, as equipes retornaram à comunidade para uma validação da estrutura dos protótipos junto às lideranças locais, e que foi realizada seguindo uma exposição dialogada intercalando com rodadas de feedback dos moradores na sede da filarmônica Nossa Senhora dos Impossíveis, à medida que se

questionava as reais possibilidades de execução na comunidade, das ideias ali materializadas em um protótipo, ou seja, todos os envolvidos foram indagados quanto às suas percepções para cada solução apresentada, levando-os à refletir sobre o quanto a comunidade poderia ganhar e se interessar, sobretudo os jovens, em promover a implantação das propostas.

Figura 2 - Momento de validação dos protótipos com a comunidade



Fonte: Os/As autores/a (2026).

Nesse sentido, cada equipe providenciou os últimos ajustes após observações dos membros da comunidade, e apresentou os protótipos para a banca final.

A banca final foi composta pela secretária de turismo da cidade, um vereador, duas lideranças da comunidade, um representante do trade turístico e a agente de local de inovação do Sebrae, responsável pelo acompanhamento das ações junto aos empreendimentos da região.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apesar do projeto ter iniciado com um caráter mais competitivo, tendo como propósito central um desafio que premiaria a melhor solução, todo o processo teve como premissa a construção coletiva entre as equipes juntamente com a comunidade, oportunizando assim aos/às estudantes, formação crítica e aplicada a problemas reais por meio de uma metodologia interdisciplinar extensionista.

A primeira grande dificuldade, mas que se revelou como maior oportunidade, foram os momentos de interação entre os/as moradores/as e lideranças locais com os/as estudantes, egressos/as e docentes.

Em função das fortes chuvas, foi necessário remarcar o primeiro contato com a comunidade, além disso, não foi possível reunir no primeiro encontro, todos os representantes e lideranças previamente articulados, dificuldades que se seguiram durante a realização da trilha, dado que não foi possível acessar todos os locais previstos. Logo, o cumprimento da etapa de diagnóstico, caracterizada por esses momentos de diálogo no dia-a-dia da comunidade, apresentou-se mais complexo que o imaginado, impulsionado por outro fator dificultador, o deslocamento dos/as estudantes ao território, uma vez que vários deles/as residiam em diversos bairros de Marechal, e alguns/as em outras cidades, sendo necessário, além de tudo isso, articular local apropriado para recebê-los/as, e garantir segurança para todos/as durante a locomoção nas ruas, casas, empreendimentos e instituições do Riacho Velho.

Entretanto, apesar de todas as adversidades, os processos de diálogo entre os/as estudantes, egressos/as e docentes com os representantes da comunidade, possibilitaram constatar que essa etapa de diagnóstico, para além da importância de levantamento de dados e informações, foi crucial para estabelecer:

1. A reconexão entre alguns/mas moradores/as, por meio das reuniões, fazendo-os/as voltar a pensar em projetos executados de forma coletiva em um passado não muito distante;
2. Reflexões das lideranças quanto à possibilidade de integração do Riacho Velho ao desenvolvimento sustentável do Município de Marechal Deodoro, a partir do momento que os/as estudantes promoviam seus questionamentos e provocações, principalmente durante as etapas de modelagem das ideias e apresentação das soluções;
3. A abertura de um canal de diálogo do campus com a comunidade, reforçando o entendimento de que essa metodologia pode ser uma importante ferramenta de diagnóstico e incubação.

É relevante salientar que em todos os momentos de diálogo, a diversidade foi uma importante característica no processo de reflexão e proposição das ideias, ou seja, as diversas áreas de formação dos/as docentes envolvidos, de múltiplos campos do conhecimento, dentre eles, administração, turismo e hospitalidade, geografia, gastronomia, linguagem e tecnologia. assim como, os diversos cursos nos quais os/as estudantes eram vinculados/as, cursos médio integrado em Meio Ambiente, Guia de Turismo e Desenvolvimento de Sistemas, além de Gastronomia, médio integrado na

modalidade jovens e adultos e estudantes do curso superior tecnológico em Gestão Ambiental e da licenciatura em Letras, e nos distintos setores produtivos que atuavam os/as moradores da comunidade, impactaram diretamente nos ganhos acima listados, derivando para a proposição de soluções com inúmeras funcionalidades para o problema definido no desafio.

Em outras palavras, o desafio Teia Tech articulou docentes do IFAL com diferentes segmentos da comunidade local, viabilizando a participação de professoras da rede municipal, jovens vinculados à filarmônica, pescadores(as) artesanais, artesãos(ãs), apicultores(as) e agricultores(as).

Tal diversidade de setores contribuiu diretamente para a modelagem de três soluções, ou seja, projetos para a comunidade, com capacidade de envolver variadas áreas, indo do turismo ao beneficiamento de alimentos e produtos medicinais, enfatizando ações de base local, tendo como premissas, a formação, o resgate da cultura e conhecimentos ancestrais, trabalho coletivo e tecnologia social, sobretudo envolvendo as mulheres e juventude.

Vale ressaltar que quatro soluções foram desenvolvidas e submetidas à avaliação da banca parcial, porém, por discordarem das ponderações de um avaliador, os/as estudantes de uma das equipes, decidiram abandonar o Desafio, não participando da validação junto à comunidade e nem da banca final.

Para modelar as soluções, a etapa de construção das ideias teve um elevado grau de importância, sendo necessário destacar a efetiva contribuição da metodologia *Lego Serious Play* para o desafio. Metodologia essa, baseada na utilização dos blocos de montagem da Lego, associada à técnica de contação de histórias, que possibilitou uma profunda capacidade de aprendizado e ressignificação das estruturas, propósitos e funções de todas as ideias pensada pelas equipes, promovendo a cada um dos/as estudantes, o que Freire (2002) chama de aventura no processo de criação.

Os momentos de partilha das histórias que envolviam a criação dessas ideias, contribuíram diretamente para soluções multifacetadas com capacidade de se conectarem entre si, sendo a primeira, intitulada Caravana de saberes: Caminhos do Riacho.

O objetivo desse projeto foi promover o beneficiamento de produtos à base das frutas e ervas medicinais da comunidade, por meio de um sistema de disseminação dos métodos de produção conduzidos pelos/as próprios/as moradores/as, constituindo assim, uma rede produtiva colaborativa, conectando mais

interessados/as na produção ou em assumir ações em outro elo da cadeia produtiva, devendo, em um curto espaço de tempo, iniciar diálogos entre os participantes com a intenção de verificar viabilidade de constituição de uma associação ou cooperativa.

A segunda solução teve como objetivo criar um roteiro de experiência com trilhas e rotas de canoas na laguna, priorizando cultura, gastronomia e arte, principalmente envolvendo os/as jovens da filarmônica. Foi chamada de Riacho Velho e a valorização do território.

O propósito da terceira solução, batizada de Conecta Riacho Velho, foi modelar um site turístico para disponibilizar a localização de estabelecimentos (mercearias, posto de saúde, filarmônica, restaurantes, etc), pontos turísticos e atividades promovidas pela comunidade, a exemplo das trilhas, festividades, eventos. Em uma segunda etapa, o plano desse projeto era estruturar um aplicativo com outros serviços para a cidade de Marechal.

Portanto, a construção das soluções impactou positivamente a formação dos/as estudantes envolvidos no desafio, porém, a duração prolongada desse projeto comprometeu a efetiva permanência de vários outros/as que se inscreveram, e que conseguiram participar apenas das primeiras etapas, sendo apontado por vários deles/as, a impossibilidade em conciliar as atividades acadêmicas, pessoais e profissionais, com o processo de construção da solução.

Todos esses pontos considerados pelos/as estudantes foram amplificados pelo tempo de duração do Desafio. Seis meses de duração comprometeu a participação de vários/as estudantes, principalmente os/as que precisavam conciliar trabalho e escola, assim como, os que possuíam maior vulnerabilidade socioeconômica, uma vez que a falta de auxílios específicos para deslocamentos contínuos ao campus, apresentou-se como um dificultador.

Logo, o resultado final do Desafio Teia Tech proporcionou um importante ganho para o Núcleo Marechal da IFAL EcoSol, dado que deu início ao processo de incubação do território, motivadas pela adaptação das soluções para dois projetos de extensão, visando articular alguns setores da comunidade com o envolvimento de diversos atores, quer sejam, a modelagem de uma rota turística interpretativa, direcionada para o turismo de base comunitária, e o beneficiamento de produtos derivados de frutas e ervas medicinais cultivadas na comunidade.

Nesse sentido, o propósito em incubar um território, nesse caso, o Riacho Velho, envolvendo diversas pessoas com a produção de vários produtos e serviços que se conectam, possibilita a mitigação de diversas dificuldades que os grupos produtivos populares enfrentam quando não mantêm relação com outros grupos da economia solidária, a exemplo de déficits de formação das pessoas, condições de infra-estrutura e tecnologias inadequadas ou insuficientes nos locais onde foram implantados, concorrências desleais, dentre outras. Tudo isso, emerge da simples condição de participarem do jogo mercadológico, passando pelas mesmas dificuldades das micro e pequenas empresas em se manterem (França Filho; Cunha, 2019).

Portanto, a caracterização da incubação territorial se dá por meio da mobilização de “diferentes iniciativas de caráter organizacional, produtivo, ambiental e cultural, possibilitando reorganizar os fluxos de trabalho e renda” (Leal, 2018, p. 73), promovendo um entrelaçamento entre atores, que no caso do Riacho Velho, teve a banca final, uma relevante importância, uma vez que os/as envolvidos/as foram estrategicamente escolhidos/as, principalmente os representantes do poder público legislativo e executivo e as lideranças da comunidade, contribuindo desta forma, para os alinhamentos necessários à incubação do território por meio desses dois projetos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências desenvolvidas no âmbito do Desafio Teia Tech evidenciam seu potencial como metodologia de formação crítica e aplicada, ao articular fundamentos teóricos à proposição de soluções voltadas a problemas concretos do território. A iniciativa consolidou-se, ainda, como uma ferramenta relevante para a realização de diagnósticos participativos, promovendo o envolvimento de estudantes, docentes, egressos(as) e sujeitos da comunidade, a partir de suas demandas, saberes e potencialidades.

Entretanto, ressalta-se que a efetividade dessa abordagem está diretamente condicionada ao engajamento contínuo da comunidade — não apenas nas etapas iniciais e de execução, mas também no pós-projeto. Nesse contexto, emergem desafios relacionados ao alinhamento de expectativas, especialmente no que se refere ao tempo de resposta e à capacidade de implementação das ações propostas.

A discrepância entre as demandas comunitárias e as condições institucionais de execução, por parte do Núcleo Marechal do IFAL Ecosol e demais parceiros(as), pode tensionar as relações estabelecidas, indicando a necessidade de estratégias mais claras de comunicação, planejamento e pactuação de compromissos.

Para futuras edições do projeto, entende-se ser necessário uma melhor articulação com a comunidade e parceiros, buscando garantir financiamento para algumas etapas do desafio. Além disso, intensificar o engajamento de outros docentes, possibilitando conexões do Desafio com os conteúdos de seus componentes, direcionando assim, atividades dentro da carga horária regular dos cursos, aproveitando a curricularização da extensão, e evitando a evasão dos/as estudantes.

Nesse sentido, o propósito foi inovar para libertar e dar autonomia às pessoas. No fundo, o objetivo foi cruzar a ética da Economia Solidária — que foca na cooperação e no apoio mútuo — com ferramentas práticas que trouxeram a comunidade para o centro do palco, transformando-os em protagonistas da sua própria história, partindo do abstrato para melhorias reais em suas vidas.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Prefeitura Municipal de Marechal Deodoro, sobretudo a Secretária de Turismo por participar de todo o processo avaliativo do desafio. Agradecemos à Câmara de Vereadores pelo apoio com as articulações junto à comunidade e envolvimento nas bancas avaliativas. E agradecemos a todas as lideranças da comunidade Riacho Velho por acreditar na ação, participar diretamente de todas as etapas e continuar no processo de implantação dos projetos.

REFERÊNCIAS

BARTHOLO, Roberto; SAN SOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Marcel (Orgs.). **Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

CORRÊA, Angela Cristina; PINTO, Nelson Lourenço; SILVA, Sandro Pereira da. A contribuição das incubadoras tecnológicas de economia solidária para o desenvolvimento territorial sustentável. **Revista Katálisis**, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 302-313, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-02592020v23n2p302>.

DAGNINO, Renato. **Tecnologia Social**: contribuições conceituais e metodológicas. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

DAGNINO, Renato; NOVAES, Henrique Tahan; FRAGA, Lais. Por que tecnologia social? **Revista Katálýsis**, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 242-252, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-02592020v23n2p242>.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de; SILVA, Jeová Torres da; RIGO, Ariâde Carneiro. Incubação de Redes de Economia Solidária e Desenvolvimento Territorial: a experiência do Programa de Desenvolvimento Territorial (PRODETER). In: **IV Encontro Internacional de Pesquisadores em Economia Solidária**, 2015, São Paulo. *Anais...* São Paulo: APS, 2015.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho de; CUNHA, Eduardo Vivian da. Incubação de redes locais de economia solidária: lições e aprendizados a partir da experiência do projeto Eco-Luzia e da metodologia da ITES/UFBA. **O&S**, Salvador, v. 16, n. 51, p. 725-747, out./dez. 2009.

FORPROEX. **Rede Nacional de Extensão (RENEX)**: Diretrizes da Extensão Universitária. Brasília: FORPROEX, 2024.

I FORPROEX - ENCONTRO DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS, 1987, Brasília. Conceito de extensão, institucionalização e financiamento. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/renex/index.php/documentos/cartas-e-memoria.pdf>
Acesso em: 29 mar de 2026

KRISTIANSEN, Per; RASMUSSEN, Robert. **Construindo um negócio melhor com a utilização do método lego serious play**. São Paulo: DVS Editora, 2015.

LEAL, Leonardo Prates. Princípios e fundamentos para uma tipologia de incubação tecnológica em economia solidária. In: ADDOR, Felipe; LARICCHIA, Camila Rolim. **Incubadoras tecnológicas de economia solidária**. concepção, metodologia e avaliação. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2018. p. 71-97, Volume 1.

MALDONADO, Carlos. O turismo comunitário na América Latina: gênese, características e perspectivas. In: BARTHOLO, R. *et al.* (Orgs.). **Turismo de base comunitária**: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento: includente, sustentável, sustentado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. 1ª ed. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

Vianna, Mauricio ... [et al.]. **Design thinking**: inovação em negócios [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: MJV Press, 2012. 164p., recurso digital: il.

JÚNIOR, Wilson Martins Lopes; HANAI, Frederico Yuri; OROZCO, Margarida María Dueñas. Turismo de base comunitária: uma breve revisão integrativa em periódicos brasileiros. **Revista Mirante**, Anápolis (GO), v. 18, n. 2, p. 52-75, dez. 2025. ISSN 1981-4089.

